

EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO TRABALHO DE CAMPO COMO FERRAMENTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA REGIONAL

Experiments and experiences in the fieldwork as a tool for teaching-learning in regional geography

Vivencias y experiencias el trabajo de campo como herramienta para de enseñanza-aprendizaje en geografía regional

Tiago Estevam Gonçalvesⁱ

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Resumo

O presente artigo pretende analisar o trabalho de campo como metodologia de ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia Regional. Tal estudo apresenta como pressuposto o entendimento dessa forma de conduzir o conhecimento geográfico e suas repercussões no desenvolvimento cognitivo dos discentes de Geografia da Universidade Federal do Ceará. Esse trabalho aponta ao educador e ao educando desse campo científico um repensar sobre a importância da aula de campo, o seu processo de construção de conhecimentos sobre o espaço vivido e concebido a ser observado. Essa atividade de campo apresenta um diálogo entre os conceitos estudados em sala de aula e os fenômenos vistos no campo.

Palavras-chave: aula de campo; metodologia; geografia regional.

Abstract

This article analyzes the fieldwork as a methodology of teaching-learning in the Regional Geography discipline. This study shows like assumption the understanding of how to drive the geographic knowledge and its repercussions in cognitive development of students of Geography, in the Federal University of Ceará. This work points to the educator and the students of this scientific field a rethink about the importance of field class, its construction process of knowledge about the lived space and designed to be observed. This activity field presents a dialogue between the studied concepts in the classroom and the phenomena seen in the field.

Keywords: fieldwork; methodology; regional geography.

Resumen

Este artículo analiza el trabajo de campo como una metodología de enseñanza y aprendizaje en la disciplina de Geografía Regional. Este estudio se presenta como requisito previo para la comprensión de esta forma de conducir el conocimiento geográfico y sus impactos en el desarrollo cognitivo de los Estudiantes de Geografía de la Universidade Federal do Ceará. Este trabajo apunta al educador y al estudiante de este campo científico un repensar acerca de la importancia de la clase de campo, su proceso de construcción de conocimientos acerca del espacio concebido y vivido a ser observado. Esta actividad de campo presenta un diálogo entre los conceptos estudiados en aula y los fenómenos observados en el campo.

Palabras clave: clase de campo; metodología; geografia Regional.

INTRODUÇÃO

O trabalho de campo é uma das mais importantes atividades acadêmicas na formação dos estudantes do curso de Geografia. Essa forma de ensino-aprendizagem é essencial, sendo uma prática muito frequente. Diante disso considera-se fundamental elaborar um trabalho sobre esse exercício.

Nesse sentido, esse artigo visa analisar e discutir o trabalho de campo como prática educativa e metodológica na disciplina de Geografia Regional da Universidade Federal

do Ceará. Nessa disciplina, o trabalho de campo pauta-se numa discussão sobre os conceitos básicos de Geografia, principalmente o conceito de Região nas diversas correntes de pensamento geográfico.

Os discentes da ciência geográfica devem ter uma formação teórica sólida sobre o conceito de Região e sua contextualização nas diversas escalas geográficas. Pode-se afirmar que no momento do trabalho de campo tem-se como um dos pressupostos a oportunidade de visualizar a teoria estudada no decorrer das aulas, assim, essa atividade apresenta como

principal objetivo contrapor os conceitos estudados em sala de aula aos fenômenos vistos no campo.

É como afirma Lima e Assis (2005, p. 112) “assim, o Trabalho de Campo se configura como um recurso para o aluno compreender o lugar e o mundo, articulando a teoria à prática, através da observação e da análise do espaço vivido e concebido”. Por isso é necessário um tempo de vivência e convivência entre os sujeitos sociais e nos espaços geográficos que extrapole o restrito tempo do Trabalho de Campo, daí a relação intrínseca entre teoria e prática.

Nesse artigo apresenta-se a metodologia utilizada em uma atividade de campo, sendo o espaço vivido e concebido a ser observado - o Estado do Ceará - mas especificamente a região do Cariri. O percurso geográfico dessa atividade de campo possibilitou vislumbrar a diversidade que caracteriza tal espaço socialmente construído.

No primeiro momento, em sala de aula foram construídas as ferramentas para a análise empírica. Dessa forma antes de partir para o trabalho de campo ocorreu o contato com a parte teórica, sendo essa, uma etapa importante, pois preparou o olhar dos alunos para a observação e análise em campo.

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo (ou no campo) esteja na domesticação do olhar. Isso porque, a partir do momento em que se sente preparado para a investigação empírica, o objeto sobre o qual se dirige o olhar foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de ver a realidade.

Daí percebe-se a importância do contato

prévio com as teorias, pois esta educa o olhar, fazendo com que não ocorra apenas a observação pela observação, mas que ultrapasse o senso comum, assim, enxergar além do aparente, ou seja, buscar a essência do objeto estudado.

Nesse sentido, no intuito de facilitar o entendimento do artigo, fez-se inicialmente uma revisão do conceito de Região nas diferentes correntes do Pensamento Geográfico. Após esse resgate do conceito de Região, analisou-se a metodologia de ensino utilizada na preparação do trabalho de campo (desde a preparação em sala de aula até a maneira de agir durante a sua realização), o critério de escolha do roteiro e pontos pesquisados. Por fim destacou-se o desenvolvimento da aula de campo, discutindo sobre as observações feitas em cada ponto visitado e as consequências no desenvolvimento na aprendizagem do educando.

BREVE TRAJETÓRIA DO CONCEITO DE REGIÃO EM GEOGRAFIA

Tendo em vista que o termo Região é um dos conceitos mais tradicionais e importantes da Geografia, é essencial que realize uma breve revisão de algumas abordagens que lhe foram dispensadas nas diferentes correntes do Pensamento Geográfico.

Inicialmente as tentativas de divisão regional eram feitas de um modo um tanto arbitrário, levando-se em considerando apenas aspectos históricos e políticos, um exemplo desse fato foi a divisão do Brasil em Capitânicas Hereditárias ainda no século XVI.

Com as ideias renascentistas do século XVIII, tornou-se possível o desenvolvimento das ciências, entre elas a Geografia refletindo

numa maior cientificidade no trato da divisão regional, levando-se em consideração, sobretudo os aspectos naturais.

A utilização de critérios mais científicos que puderam ser observados nos trabalhos de Gueltrad, ao publicar um mapa baseado nas condições fisiográficas da bacia geológica franco-inglesa contribuiu para futuros estudos, que consideravam os acidentes geográficos, ou seja, a divisão do espaço em regiões naturais.

Com a Revolução Francesa passou-se a utilizar as novas concepções científicas. O espaço é dividido de forma a facilitar a ação sobre o mesmo. Nesse período, no Brasil a divisão do espaço baseou-se em bacias fluviais para uma melhor ação dos planos de desenvolvimento do governo.

Ricchieri em 1920 apareceu como o principal articulador do conceito de regiões naturais ligadas ao determinismo ambiental, mas que pela primeira vez utilizavam critérios “ditos verdadeiramente geográficos”. No Brasil, Fábio de Macêdo Soares Guimarães, que com base nos estudos de Ricchieri elabora a primeira divisão regional oficial do país em 1941.

Ainda no século XX, porém numa perspectiva mais possibilista, Cholley (1951) elabora o conceito de Região Geográfica, tentando conciliar dois aspectos, ou seja, primeiramente o fato da palavra Região reportar sempre a uma organização humana, segundo a dinâmica do conceito que pode variar tanto em escala, como no tempo refletindo em suas características. Segundo Corrêa (1986), para caracterizar as regiões geográficas Cholley considerou os domínios físicos, o meio biológico e a organização do grupo feita pelo homem.

Perroux (1964) por sua vez, tomando uma abordagem mais na perspectiva da Geografia crítica, considerava o fator econômico extremamente relevante na formação de uma Região, nesse contexto tal autor partiu do conceito econômico de espaço, considerando-o em três ângulos, que dão origem a três tipos de regiões econômicas, que são: a Região plano, a Região polarizada e a Região homogênea.

Chabot (1952) não concebe uma Região sem uma cidade para comandar sua evolução. Seguindo esta mesma linha Milton Santos ressalta o poder regionalizante do comércio de uma cidade, segundo o autor que a função do comércio estende o raio de ação das cidades em uma dada região. O comércio, desse modo aparece como atividade polarizadora de uma região. Em 1966, a divisão do Brasil estava mais pautada nessa perspectiva, pois considerava as regiões homogêneas e as regiões polarizadas, de acordo com a divisão territorial do trabalho.

Kaiser (1966) organizou um conceito de Região mais aplicado ao mundo subdesenvolvido, em sua abordagem admitia o homem como agente na formação da Região e o dinamismo da concepção regional, desse modo apresentou os seguintes aspectos: a solidariedade existente entre os habitantes de uma região, organização em torno de um centro e a participação em conjunto.

Na perspectiva da Geografia crítica, Duarte (1980) diz que, Região é uma dimensão espacial das especificidades em uma totalidade espaço-social capaz de opor a homogeneização da sociedade e do espaço pelo capital monopolístico e hegemônico. Região existe em uma sociedade que realmente dirige e organiza aquele espaço.

Para Gomes (1996, p.63) “A Região é uma

classe de área, fruto de uma classificação geral que divide o espaço segundo critérios ou variáveis arbitrárias que possuem justificativa no julgamento de sua relevância para uma certa explicação.”

O S P R O C E D I M E N T O S M E T O D O L Ó G I C O S D O T R A B A L H O D E C A M P O

É um consenso por parte dos geógrafos que a ida a campo é imprescindível para esse campo científico, bem como essa atividade é uma ferramenta tanto a nível didático quanto de pesquisa. Nesse sentido como recurso didático, o trabalho de campo é o momento que é possível visualizar o que é discutido na teoria em sala de aula, desse modo à teoria se torna realidade, se concretiza diante dos discentes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo que ele não se transforme numa forma de turismo, ou seja, lazer sobre um determinado lugar, e sim possa ser um momento de ensino/aprendizagem /produção do conhecimento (MARCOS, 2006).

Os passos do planejamento foram iniciados a partir de um projeto, ou seja, o plano que seguiríamos para efetivação da aula de campo. O projeto, conforme Silva (2005) é a parte menor do planejamento que será executado. Nessa perspectiva, no planejamento do trabalho de campo é preciso descrever o percurso, duração, atrativos a serem visitados, temas a serem abordados. Com essa finalidade foram utilizados os recursos: mapas, cartogramas, imagens aéreas e fotográficas, fichas de cadastro de atrativos, entre outros.

Segundo Lima e Assis (2005, p. 112):

A preparação pré-campo é uma etapa

fundamental para o sucesso do Trabalho de Campo. A realização de um bom planejamento pode assegurar que os objetivos traçados sejam realmente alcançados durante a saída da escola.

Nesse âmbito metodológico, ocorreu também a preparação do olhar da turma através do estudo dos conceitos, que se dá tanto através de aulas teóricas como através de dois tipos de seminários, o primeiro seminário é sobre as cidades visitadas, no qual apresentaram alguns pontos que serão observados no campo como, aspectos históricos da área de estudo (o passado contribui para explicar o presente); as condições naturais e sua participação na regionalização (geologia, relevo, solos, vegetação, recursos hídricos, clima, etc.); a distribuição populacional e sua dinâmica no espaço e no tempo (localização dos adensamentos populacionais, fluxos de população, migrações, evolução e crescimento populacional).

Apresentou-se também nesse seminário, o espaço rural (uso e ocupação do solo, estrutura agrária, exploração agrícola e desenvolvimento tecnológico); espaço urbano (estrutura do espaço urbano, uso e ocupação, malha urbana, divisão social do espaço, distribuição de bens e serviços urbanos) e principalmente o espaço regional (transição do espaço urbano e rural, serviços e comércio na área de transição, relações cidade e campo, relações entre os centros urbanos da Região, o papel da cidade para a Região, projetos governamentais transformando a região etc.).

O segundo seminário é mais teórico, sobre importantes conceitos de Geografia que complementam o entendimento da Região. As localidades visitadas foram divididas entre grupos de alunos que realizam uma

apresentação prévia em forma de seminário, no qual é feito um levantamento de dados.

No que tange a escolha do roteiro da aula de campo utilizou-se como critério a diversificação, permitindo uma visão geral das mais diferentes paisagens cearenses, Sertão, Litoral e Serra. Esse roteiro permite ainda a análise comparativa das diferentes formas de uso e ocupação do solo, da história e cultura em cada uma dessas áreas.

Durante o trabalho de campo monitor e professor acompanharam os estudantes na atividade de pesquisa. Foram divididas equipes para pesquisar diferentes setores de atividades da cidade de Juazeiro do Norte tais como: educação, saúde, comércio, indústria, agricultura e artesanato. Foi também importante considerar o aspecto religioso como responsável em parte pelo desenvolvimento da Região.

Em cada um desses setores foram aplicados questionários, previamente elaborados por alunos, professor e monitor. Posteriormente os dados coletados foram analisados confrontando-os entre si e com as teorias, sendo esta análise concretizada na forma de um relatório final.

TRABALHO DE CAMPO COMO FERRAMENTA EDUCATIVA: DETALHANDO O PERCURSO GEOGRÁFICO

No bojo das mudanças ocorridas na sociedade torna-se imprescindível que a Geografia passe a integrar o currículo com base dinâmica que impulse de fato o processo de ensino-aprendizagem, que vá em direção contrária a uma abordagem repetitiva, com um método de ensino no qual apresente a apreensão das informações de forma ampla,

contribuindo na formação do discente.

O estudo do meio é uma metodologia de ensino interdisciplinar que pretende desvendar a complexidade de um determinado espaço extremamente dinâmico e em constante transformação, cuja totalidade dificilmente uma disciplina escolar isolada pode dar conta de compreender. (...) Além de ser interdisciplinar, permite que aluno e professor se embrenhem em um processo de pesquisa. Mais importante do que dar conta de um rol de conteúdos extremamente longo, sem relação com a vivência do aluno e com aquilo que ele já detém como conhecimento primeiro, é saber como esses conteúdos são produzidos (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, 2007, p. 173).

Cabe apontar que os saberes geográficos mediados pelos percursos geográficos (trabalho de campo) partem a priori como momento especial para o discente, já que esse pode articular uma gama de conhecimentos apreendidos em sala de aula com a observação direta dos fenômenos da sociedade e do meio ambiente.

O deslocamento realizado na atividade de campo proporciona a abordagem de questões pertinentes aos processos dinâmicos de configuração das regiões do Ceará, Nesse âmbito Santos (1997) diz que é por meio das marcas do presente que se torna possível traçar um apanhado histórico, identificando na estrutura, no formato, na função e nos fluxos existentes a dinâmica e configuração da Região.

Diante disso será detalhado de forma sucinta o relatado pelos discentes sobre os pontos visitados, litoral do leste (Aracati e Fortim); Baixo Jaguaribe (Limoeiro do Norte e Russas); Médio Jaguaribe (Nova Jaguaribara e Açude Castanhão); Sertão Centro-Sul (Iguatu e

Icó); Cariri (Juazeiro do Norte, Barbalha e Crato).

No litoral leste do Ceará visitaram-se as cidades de Aracati e Fortim, a cidade de maior destaque na Região leste é Aracati, isso se dá tanto pelo seu patrimônio histórico, como também pelo seu papel polarizador, de centro mais bem equipado de sua região. Quanto a Fortim percebeu-se que é uma cidade de crescimento recente, e que este fato vem se dando principalmente devido a atividade pesqueira.

Já no Baixo Jaguaribe, visitou-se a cidade de Limoeiro do Norte e detectou-se seu papel polarizador, tendo em vista que esta concentra importantes serviços, principalmente de educação, pois nela se localiza um polo educacional de nível superior, com um campus da Universidade Estadual do Ceará, além da Escola Normal e da Sede do Bispado, nesse município têm-se importantes plantações de frutas, sendo um polo agroindustrial do Estado.

A cidade de Nova Jaguaribara destaca-se enquanto única cidade planejada do Estado, isto em função de uma grande obra pública que resultou na construção do açude Castanhão (maior açude do Ceará) que aparece como fator de modificação de toda a Região do médio Jaguaribe.

No Centro-sul, visitaram-se a cidade de Icó, que apesar de possuir grande importância histórica, teve seu desenvolvimento estagnado, já a cidade de Iguatu se sobressaiu como importante centro regional polarizador da Região.

O roteiro permitiu vislumbrar as diversidades regionais e a complementaridade entre os municípios cearenses, nesse sentido tem-se como destaque a Região Metropolitana do Cariri, tendo como os municípios mais

importantes: Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

Nessa Região pode-se também ser observado Juazeiro do Norte como principal cidade da região, tendo em vista que essa cidade concentra a maior parte dos serviços da região, faz com que haja um esvaziamento das funções do Crato, assim de justificar a presença das regionais de saúde e de educação nesta cidade, que ainda assim resiste enquanto centro cultural e residencial da população, principalmente de classe média. Esse esvaziamento da cidade do Crato frente à emergência de Juazeiro se justifica principalmente devido o atrativo religioso da cidade que tem na figura do padre Cícero seu principal motivo, dando origem a um turismo religioso que é em grande parte responsável pelo desenvolvimento econômico local, influenciando principalmente nas atividades comerciais.

O ensino em Geografia Regional a partir dessa ferramenta educativa oportunizou situações em que os discentes puderam teorizar e contextualizar suas significações sobre Região. A riqueza da existência humana e a necessidade para existir a Geografia Regional estão no fato de sermos diferentes e existirem lugares diferentes que formam regiões mais distintas possíveis, possibilitando leituras específicas para cada uma dessas regiões (CASTROGIOVANNI, 2003).

Não se deve encarar essa atividade como um fim, mas como um meio que tenha o seu prosseguimento ao retornar à sala de aula. Se o objetivo é a melhoria do ensino em Geografia, só há um caminho a seguir pelo professor: não ficar ancorado apenas na acumulação de um saber geográfico do livro didático, sair dos exaustivos discursos, dos questionários sem fundamento, intensificar a comunicação

com os alunos, ter a preocupação em atualizar e aperfeiçoar o conhecimento e ter satisfação em experimentar as novas técnicas (TOMITA, 1999, p. 15).

Pode-se auferir que os objetivos traçados nessa prática de campo foram atingidos, já que houve domínio cognitivo, bem como novos conhecimentos, novas maneiras de entender o espaço vivido e construído, tais assertivas tornaram-se nítidas pelos discentes. O trabalho de campo proporcionou tanto para o docente quanto para os discentes análises das relações entre os fenômenos físicos e humano. Desse modo, ir a campo foi visto como atividade de cunho científico, sendo que a mesma visou à utilização de questões teóricas e práticas, embasando os conhecimentos geográficos.

CONCLUSÃO

Percebe-se nos estudos geográficos a importância do trabalho de campo, esse fato pode-se afirmar quando se faz uma análise ao longo dos avanços dessa ciência, em que se tinham como ferramenta metodológica viagens exploratórias para regiões até então poucas conhecidas, no intuito de melhor entender essas regiões e a correlação existente entre essas e outras partes do mundo. Nesse sentido a Ciência Geográfica passou por inúmeras transformações no decorrer dos anos, assim aprimorou seu olhar sobre o espaço geográfico. Tais avanços ampliaram as possibilidades de observações empíricas.

Com isso podemos afirmar que o trabalho de campo seja uma ferramenta metodológica bastante útil no entendimento de diferentes regiões do Ceará. A metodologia do trabalho de campo é de grande valia na formação do profissional da Geografia, bem como o desenvolvimento professor/

pesquisador e acadêmico. No aspecto particular desse artigo considerou-se que o conhecimento das regiões do Ceará facilitou esses profissionais em um educar em Geografia Regional.

NOTA

ⁱ Geógrafo; Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará; Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

E-mail: tiagoestevam1@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia. *Espaço, polarização e desenvolvimento*. 5ª. Edição. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

CASTRO, Iná Elias de. A região como problema para Milton Santos. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. A teoria construtivista: o construir a Geografia. *Boletim Gaúcho de Geografia*, nº.19, AGB, Porto Alegre, 1992.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

CHABOT, Georges. *Les villes*. Paris: Librairie Armand Collin, 1952.

CHOLLEY, André. *La Géographie Guide de l'étudiant*. Paris: Preses Universitaires de France, 1951.

CORREIA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 1986.

COSTA, M. C. L. Urbanização da Sociedade Cearense. In: DAMIANI, A. L. (org). *O Espaço no Fim do Século: a nova realidade*. Contexto: São Paulo, 1999.

DUARTE, Aluizio. *Regionalização: considerações metodológicas*. São Paulo: Contexto, 1980.

GOMES, Paulo César da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I.E. et al. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

KAYSER, Bernard. *La région comme object d'étude de la Géographie, em la Géographie Active*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

LACOSTE, Y. A Pesquisa e o trabalho campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. *Boletim Paulista de Geografia*. N.84, p77-92, julho de 2006.

LIMA, Vanuzia Brito; ASSIS, Lenilton Francisco de. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de Geografia. *Revista da Casa de Geografia de Sobral*. Sobral: v. 6/7, n. 1, 2004/2005.

MARCOS, Valeria de. Trabalho de campo em geografia: reflexão sobre uma

experiência de pesquisa participante. *Boletim de Geografia*. n.84, p105-136, julho de 2006.

PERROUX, François. *La coexistência pacífica*. Mexico: Fondo de Cultura, 1960.

PERROUX, François. *L'economie du xxème siècle, 2 ème evolution*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. *Para ensinar e aprender Geografia*. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, José Borzacchiello da. A região metropolitana de Fortaleza. In. SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (org.). *Ceará: um novo olhar geográfico*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

TOMITA, Luiza M. Saito. *Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia*. Trabalho apresentado em Toledo, para professores do 1º e 2º graus. Londrina, v.8, n.1, p.13-15. jan/jun, 1999.